



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**Entre a teoria e a prática: experiências do estágio
supervisionado na escola Arlindo Ramalho em Solânea-PB**

JOÃO PAULO DA SILVA RODRIGUES

GUARABIRA-PB

2025

JOÃO PAULO DA SILVA RODRIGUES

Entre a teoria e a prática: experiências do estágio supervisionado na escola Arlindo Ramalho em Solânea-PB

Relatório de estágio apresentada à Coordenação do Curso de História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em História.

Área de concentração: História, Ensino e Currículo

Orientador: Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity

GUARABIRA-PB

2025

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R696e Rodrigues, João Paulo da Silva.

Entre a teoria e a prática [manuscrito] : experiências do estágio supervisionado na Escola Estadual Arlindo Ramalho em Solânea-PB / Joao Paulo da Silva Rodrigues. - 2025.
29 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Luiz Mário Dantas Burity, Departamento de História - CH".

1. Estágio supervisionado. 2. Prática de ensino. 3. Educação. 4. Formação docente. I. Título

21. ed. CDD 372.89

JOAO PAULO DA SILVA RODRIGUES

ENTRE A TEORIA E A PRÁTICA: EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO NA ESCOLA ESTADUAL ARLINDO RAMALHO EM
SOLÂNEA-PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso
de História da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
História

Aprovada em: 06/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Mariângela de Vasconcelos Nunes** (***.787.784-**), em **26/06/2025 18:32:46** com chave **19c2d3f452d511f083a01a1c3150b54b**.
- **Velbiane Luzia da Silva Chaves** (***.245.654-**), em **25/06/2025 22:15:44** com chave **158118a0522b11f085991a7cc27eb1f9**.
- **Luiz Mário Dantas Burity** (***.233.404-**), em **23/06/2025 22:53:06** com chave **f8c9e356509d11f0bb0c1a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Folha de Aprovação do Projeto Final

Data da Emissão: 26/06/2025

Código de Autenticação: 199380



SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	4
1. INTRODUÇÃO	5
2. REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS	6
3. A REGÊNCIA NO ENSINO MÉDIO	9
3.1 INFORMAÇÕES DA ESCOLA	9
3.2 TURMA DO PRIMEIRO ANO	9
3.3 TURMA DO TERCEIRO ANO	14
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
5. REFERÊNCIAS	17
ANEXOS/APÊNDICES	19

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar e refletir criticamente sobre a experiência de regência durante o Estágio Supervisionado Obrigatório IV do curso de licenciatura em História da UEPB, realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Arlindo Ramalho em Solânea-PB. Realizado entre os dias 14 e 22 de maio de 2025. O estágio envolveu o planejamento das aulas, a execução e ação de atividades do primeiro e terceiro ano. As atividades efetuadas no estágio foram realizadas com a ajuda das reflexões teóricas dos autores como Pimenta e Lima (2006) e Silva e Delgado (2018), com foco na necessidade de superar uma visão tecnicista da prática docente. O trabalho torna notória a importância do estágio para a formação do futuro professor ao proporcionar um espaço de articulação entre teoria e prática, discutindo os desafios da sala de aula, as limitações estruturais da escola e a necessidade de adaptação didática para se conectar com as realidades específicas dos alunos. É concluído que o estágio é um momento de quebra de expectativas e de amadurecimento pessoal e profissional, ao contribuir significativamente para a construção de uma prática crítica, contextualizada e sensível às realidades educacionais brasileiras.

Palavras-chave: Estágio, Prática, Ensino, Educação, Formação.

ABSTRACT

The aim of this work is to report and critically reflect on the experience of teaching during Mandatory Supervised Curricular Internship IV of the History degree course at UEPB. It took place at the Arlindo Ramalho State Primary and Secondary School in Solânea-PB. The internship involved planning lessons, carrying out and evaluating activities in the first and third years. The internship activities were carried out with the help of theoretical reflections by authors such as Pimenta and Lima (2006) and Silva and Delgado (2018), focusing on the need to overcome a technicist view of teaching practice. The work highlights the importance of the internship for the training of future teachers by providing a space for articulating theory and practice, discussing the challenges of the classroom, the structural limitations of the school and the need for didactic adaptation to connect with the specific realities of the students. It is concluded that the internship is a moment of breaking down expectations and of personal and

professional maturation, as it contributes significantly to the construction of a critical, contextualized practice that is sensitive to Brazilian educational realities.

Keywords: Internship, Practice, Teaching, Education, Training.

1. INTRODUÇÃO

Minha experiência no Estágio Supervisionado Obrigatório IV, que inclui a regência no Ensino Médio, se apresentou como a última etapa de minha formação no curso de licenciatura em História da UEPB. A partir do momento em que escrevo esta introdução, me encontro prestes a finalizar esse período importante da minha vida, em que fui discente, para me tornar um professor de História. Nesse instante, estou no último período da faculdade, com muitas coisas para resolver tanto academicamente como pessoalmente, mas tentando dar foco na minha conclusão de curso. Esse relato é produto do que vivenciei na escola nesse momento.

As minhas impressões da profissão docente durante o meu Ensino Médio, desde o primeiro ano até um pouco mais velho, sempre foram de fascínio. Não necessariamente relacionado ao interesse em História no primeiro momento. O impulso para a profissão em específico de professor de história que foi consolidado graças à minha percepção de como a disciplina necessita de um bom contador de história, e como alguns professores meus, principalmente do ensino fundamental, tentavam de toda forma tornar algo do passado em uma história épica ou buscando o interesse dos alunos com base em diversas curiosidades sutis para chamar a atenção dos alunos, e essa capacidade de entreter e ensinar que me fez ter interesse na disciplina de história em específico e na arte de ensinar.

Durante o primeiro contato com a escola fui recepcionado pelo porteiro da escola que me orientou a entrar para falar com a coordenação. Após conversar com uma funcionária que me mostrou a sala que levava para a única professora de História disponível, ela concordou e me orientou a ficar com o terceiro ano, no momento aceitei e cumprimentei a turma brevemente. Após assinar os documentos necessários para a realização do estágio e ir embora, combinamos de organizar os detalhes posteriormente.

Em contato com a professora via WhatsApp resolvi pegar turmas que fossem de anos distintos, que seriam do primeiro e terceiro ano, para analisar os dois extremos, com as turmas já definidas o planejamento de aula foi selecionado com base no que a professora já tinha aplicado em sala de aula com as turmas de terceiro ano. Com as turmas de primeiro, resolvemos que eu ministraria aulas sobre Roma Antiga, e para a turma do terceiro ano eu daria

continuidade no tema “Crise de 1929”, para conciliar com a aula passada da professora. Seriam 10 aulas 6 para a turma do primeiro ano e 4 para a turma do terceiro ano.

Todos estes fatores de primeiras impressões em que tangem a forma como seria organizado o plano de aula e ministradas foram um desafio para compreender, diferenciar e sempre que possível unir a teoria e a prática. Compreendemos que nem tudo que aprendemos dentro da sala de aula na universidade é praticável em uma escola, por isso temos que adaptar algumas ideias de como abordar certos temas para específicas turmas e alunos para um aproveitamento melhor do assunto estudado. Além disso, é importante pensar no modo como a turma tem mais facilidade de aprender, suas características específicas.

Junto a isto vem a comunicação com a professora que já atua na escola e conhece melhor todas essas circunstâncias de aprendizagem das turmas. Esse contato com a professora é importante para definirmos melhor como planejar as aulas. Em muitos momentos, as suas reflexões me levaram a pensar sobre como um estágio pode modificar uma percepção que seria talvez impensável dentro da universidade apenas, o que apesar de ser um desafio, me deixa confiante e entusiasmado.

2. REFLEXÕES TEÓRICO-PRÁTICAS

Ao iniciar minha experiência de regência, enfrentei a dúvida comum entre muitos dos meus colegas da licenciatura em História, como elaborar e aplicar o que aprendemos na teoria com a realidade da sala de aula? Essa questão é abordada por Pimenta e Lima em “Estágio e docência: diferentes concepções”, que questionam a ideia de estágio como aplicação mecânica de conteúdos, propondo em vez disso uma concepção de estágio como um ambiente que junte tanto teoria quanto a prática e não reduzir a prática do estágio a um processo apenas técnico.

As autoras criticam a separação entre teoria e prática na formação docente. Segundo elas, “a prática pela prática e o emprego de técnicas sem a devida reflexão pode reforçar a ilusão de que há uma prática sem teoria ou de uma teoria desvinculada da prática” (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 9). Essa visão, de acordo com as autoras, simplifica a formação do professor, tratando o estágio apenas como um momento técnico, voltado para o como fazer em sala de aula sem promover um aprofundamento do que significa ensinar.

Em diversos momentos do estágio, senti que atuava de forma automatizada, sem refletir profundamente sobre o ato de ensinar, como se a reflexão sobre o ato de ensinar fosse deixada de lado para emular um modelo idealizado de professor que apenas executa aulas com eficiência

técnica. Geralmente, em momentos após a aula me questionava do porquê apliquei tal metodologia e de que forma aquilo ajudou meus alunos a compreenderem o tema. Durante as miniaulas na universidade desenvolvemos e treinamos práticas para serem utilizadas durante o ensino, porém para Pimenta e Lima:

A despeito da importância dessas atividades, elas não possibilitam que se compreenda o processo de ensino em seu todo. Assim, cabe indagar quem define as habilidades mais importantes a serem treinadas? Seriam as habilidades treinadas generalizáveis para o trabalho docente com qualquer agrupamento de alunos? O processo educativo é mais amplo, complexo e inclui situações específicas de treino, mas não pode a ele ser reduzido. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 9).

Para as autoras, tais habilidades aprendidas na sala de aula como as miniaulas, não são suficientes e generalizam o ambiente da sala de aula, além de questionarem a quem serve tal método de uma forma que faça ele ser utilizado para todas as situações na sala de aula, principalmente quando se observa a situação da escola pública brasileira e suas diversas particularidades.

Essa análise de Pimenta e Lima sobre a forma técnica de se ensinar para alunos de forma generalizada tem certa ligação com as discussões de Eva Alves da Silva e Omar Carrasco Delgado, que discutem em seu texto “O processo de ensino-aprendizagem e a prática docente: reflexões” que o processo de ensino e aprendizado do aluno só é efetiva quando o professor compreende a complexidade das relações dentro da escola e atua de forma crítica e consciente compreendendo a realidade do aluno e se inserindo em sua realidade.

É necessário que a prática leve o aluno a refletir, a alcançar uma nova visão de mundo, que ele possa, por meio da educação, mudar a sua condição. É papel do professor fazer com que o aluno adquira esses conhecimentos, mediar esse processo para que o aluno aprenda com objetividade. (SILVA; DELGADO, 2018, p. 41).

Silva e Delgado comentam sobre assimilar conhecimentos já adquiridos dos alunos para se encaixar com sua realidade, à medida que você relaciona assuntos do cotidiano do aluno como “sabia que daqui a alguns anos este seu celular pode valorizar?” com o tema de uma aula que fale sobre a crise de 1929, o professor rompe a barreira entre o conteúdo e aprendizagem, aproximando o tema do aluno e lhe expandindo os horizontes do conhecimento, para que por meio da aula o aluno não só reflita ao conhecimento técnico, mas que possa ser usado para novos saberes.

Para ser professor nos dias atuais é necessário se reinventar, se adaptar as inúmeras mudanças tecnológicas que surgem a cada dia. Estar atento a isso fará com que o professor inove sua forma de ensinar. É importante relacionar os conteúdos ensinados aos alunos com a vida fora do ambiente escolar. (SILVA; DELGADO, 2018, p. 48).

Silva e Delgado trazem para a discussão a importância de se adaptar e se permitir sair das amarras que em uma visão mais técnica, aspecto que Pimenta e Lima também apontam. Isso seria impossibilitado pelo pensamento centralizado apenas em explicar o conhecimento sem refletir no impacto disso na vida do aluno.

Quando trago para a minha experiência na prática docente, penso em um momento em que utilizo de termos com alunos do primeiro ano que não se adequa ao vocabulário deles, o que me afasta deles como professor e gera o problema da assimilação do conteúdo, na qual em uma visão mais técnica da prática de estágio, eu apenas estaria ali para mecanicamente aplicar, mas graças a uma conversa posterior ao período de regência com a professora supervisora do estágio, consegui certos pontos a serem considerados quando se trabalha com alunos mais novos como ocorreu com a turma do primeiro ano.

Após o fim do período de estágio, voltei novamente para a escola para discutir e receber feedbacks da professora supervisora, queria analisar com base em sua percepção, como eu tinha desempenhado durante o período de regência, e em uma das suas falas ela comenta sobre como a visão do estagiário acaba afetando seu relatório, segundo sua crítica, os professores estagiários entram na escola com uma visão mais técnica do que aprende no estágio e criticam a estrutura da escola e seus problemas e particularidades sem compreender a realidade daquele ambiente. Nesse aspecto lembro de comentários de Pimenta e Lima (2006):

(...) modalidades de estágio que se restringiam a apenas captar os desvios e falhas da escola, dos diretores e dos professores, configurando-se como um criticismo vazio, uma vez que os estagiários lá iam apenas para rotular as escolas e seus profissionais como ‘tradicionais’ e ‘autoritários’ entre outros. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 10).

O comentário de Pimenta e Lima dialoga perfeitamente com a crítica feita pela professora durante nossa conversa. Essa postura mais técnica, por consequência, contribui para o afastamento entre escola e universidade, gerando frustração de expectativas por parte dos alunos e descontentamento dos professores e da administração escolar ao se depararem com os relatórios produzidos pelos estagiários. Não se trata de negar a importância da crítica, porém as

autoras defendem uma outra perspectiva, questionam a chamada “crítica vazia”, que não abre margem para uma reflexão fundamentada e contextualizada da prática docente.

Em síntese, a leitura de Pimenta e Lima e de Silva e Delgado, aliada às situações vividas no estágio quanto a experiência em sala de aula, me fizeram ter uma visão diferente do que seria um ambiente de estágio, as críticas que a professora faz se inserem diretamente a este pensamento excessivamente técnico que a universidade e o estagiário por consequência acabam tomando quando vai para o ambiente escolar.

3. A REGÊNCIA NO ENSINO MÉDIO

3.1 INFORMAÇÕES DA ESCOLA

O estágio foi realizado na escola EEEFM Arlindo Ramalho pertence à rede de educação estadual da Paraíba e fica localizada em Solânea, próximo à praça principal da cidade, durante os dias de 14 até 22 de maio de 2025. Atende exclusivamente ao Ensino Médio. A escola possui 9 salas de aula, porém devido a uma reforma recente que está ocorrendo, apenas 3 salas estavam utilizáveis, mas para a turma da manhã não houve problemas de relocação de turmas, devido ao período da manhã ser de apenas 3 turmas para as 3 salas livres. Durante a tarde, as turmas foram intercaladas para poder comportar a quantidade maior de alunos que possui em relação a turma da manhã. Durante o período de estágio, apenas uma sala estava disponível com televisor, mas isso se dá ao fato de ter ocorrido a manutenção recente da escola. A escola possui uma biblioteca, uma sala dos professores, secretaria, laboratório, sala de arquivo, 1 almoxarifado, banheiros para alunos, 2 banheiros para funcionários e um banheiro para professores. No total são 9 funcionários que compõem as funções gerais como porteiros, inspetor, secretária, técnicos e cozinheiras.

3.2 TURMA DO PRIMEIRO ANO

Durante o meu primeiro dia de regência no dia 14 de maio, quarta-feira, na escola pública EEEFM Arlindo Ramalho estive pensativo em relação a como fazer a primeira abordagem com a turma, primeiramente, cheguei um pouco cedo à escola para aguardar a professora que iria observar meu estágio para conversar sobre como era a turma. Ela tanto ensina História quanto Artes dentro da escola. Alguns funcionários que ficavam de olho no

portão me cumprimentaram e gentilmente me perguntaram sobre qual seria minha dúvida e me orientaram de como era a turma e onde estava a professora, então aguardei sua aula com o terceiro ano terminar para falar com ela. A professora me perguntou se eu me sentiria bem com ela dentro de sala de aula, respondi que estava tudo bem se ela observasse as minhas aulas e que não me sentiria desconfortável, achei sua preocupação confortante, pois me deu confiança de que ela queria de fato me deixar o mais confortável possível para ministrar minhas aulas.

Ao entrar na sala junto com a professora, cumprimentei a turma e vi que eles estavam bastante tímidos em relação a mim. No fundo, reparei que tinha um grupo de meninas conversando e falando sobre mim, mas quando observei melhor, percebi que eram duas alunas às quais dei aula no Estágio Supervisionado Obrigatório II, em outra escola, chamada Padre Geraldo. Conversei com elas e perguntei se estavam bem, logo em seguida conversei com a turma e perguntei coisas básicas para tentar me aproximar deles, como perguntar se alguns já sabiam o que queria para o futuro ou se pensavam em fazer faculdade e se eles estavam se preparando para o Enem e se iriam fazer a prova. Após este momento de aproximação, perguntei quais assuntos anteriores eles tinham visto. Após abrirem e procurarem no caderno – o caderno é uma referência importante para eles de acompanhamento do que está sendo ministrado – comentaram que foi dada a aula de “idade da pedra”.

Percebi que a aula anterior não se conectava tão bem com a que eu iria ministrar devido ao meu pedido pessoal para a professora que fosse possível eu ministrar esta aula, que iria discutir o Império Romano, tomei todo o cuidado possível para que fosse possível aos alunos compreenderem o assunto. Vi que utilizei muito do imaginário dos alunos devido a não ter pedido Datashow anteriormente para a professora. A escola estava passando por um problema nas telhas, o que permitia em dias de chuva a entrada de goteiras pelas fissuras no telhado, o que por consequência não permitia o acesso de TVs nessas salas de aula, por conta deste problema, para sanar essa questão, durante um período de um mês começaram uma obra dentro da escola. Até o fim do meu estágio, a obra ainda continua, porém devido às chuvas, tiveram algumas pausas nas obras, durante a obra as turmas foram para outras salas que já estão cobertas, porém como foi algo recente então os televisores ficaram indisponíveis durante as aulas que ministrei na turma do primeiro ano, mas todas as salas antes deste período de reforma possuem TVs.

Por alguns problemas de comunicação com a professora durante a pressa de realizar os estágios e evitar ficar muito perto do prazo final me vi preso ao quadro em branco, apesar da escola possuir recursos como datashow, um problema que percebi foi o tempo consumido que se tem ao escrever tudo no quadro branco um empecilho que poderia ser resolvido com um

slide, mais prático rápido pois apenas precisa mostrar uma apresentação com figuras para ilustrar geograficamente o local que se passa o Império Romano e suas estruturas como o coliseu e obras de arte, como a da loba que amamentou Romulo e Remo na história do mito fundador, muitos destas ilustrações tive que fazer de forma bem prática no quadro em branco, com desenhos bem simples como do coliseu e da península itálica, senti que alguns alunos não conseguiam compreender muito bem, e com razão, algumas tentativas de rabiscos meus no quadro, foram improvisos que tive que fazer para poder ilustrar melhor para os alunos.

Muitos dos problemas de imagens e ilustrações dos mapas poderiam ser sanados com a utilização do livro didático, que não utilizei por preferência pessoal, pois queria abordar o tema de uma forma mais pessoal com os alunos e buscar trazer a realidade deles, com curiosidades relacionadas ao tema como o fato de sermos latino americanos, porem em Roma se falava a língua latina, e instigar através destas curiosidades o interesse dos alunos com o tema, junto da aula expositiva, escrevi no quadro branco tópicos chave que seriam importantes para a fixação do assunto para os alunos e em uma futura atividade eles conseguirem assimilar através das questões.

Durante as duas aulas que eu ministraria no primeiro dia de estágio, apresentei o tema tentei ao máximo escrever no quadro exemplos simples em tópicos e com desenhos para ajudar na fixação do assunto e na tentativa de correlacionar o tema com a realidade dos alunos, busquei referencias do dia a dia deles, como a ideia de política, senado, leis e direitos e provocar com perguntas que lhes façam refletir sobre o tema da aula.

Nas aulas da segunda semana, do dia 20 de maio, houve um resumo geral do tema, expliquei novamente os conceitos, o mito fundador e tentei ao máximo trazer formas de associar o tema a realidade deles, dando novos significados aos nomes e formas deles memorizarem termos como “patrícios” e tentar assimilar com o outro termo popular “patricinhos” para ser possível que eles compreendam a questão social do império.

Apesar das tentativas, talvez o fato de apenas falar tenha cansado os alunos, percebi isso ao olhar para a turma depois do segundo horário e perceber que boa parte do pessoal que estava no fundo da sala estavam distraídos conversando ou até mesmo dormindo, algumas vezes vi alunos utilizando celular durante as aulas que ministrei, compreendi que por já estarem acostumados com a minha presença após a surpresa de um professor novo, não se importaram muito tanto após certa frequência minha na sala de aula.

No último dia de aula da segunda semana ainda, dia 21, realizei um fechamento do tema comentando sobre a queda da República para a vinda do Império, infelizmente por questão de

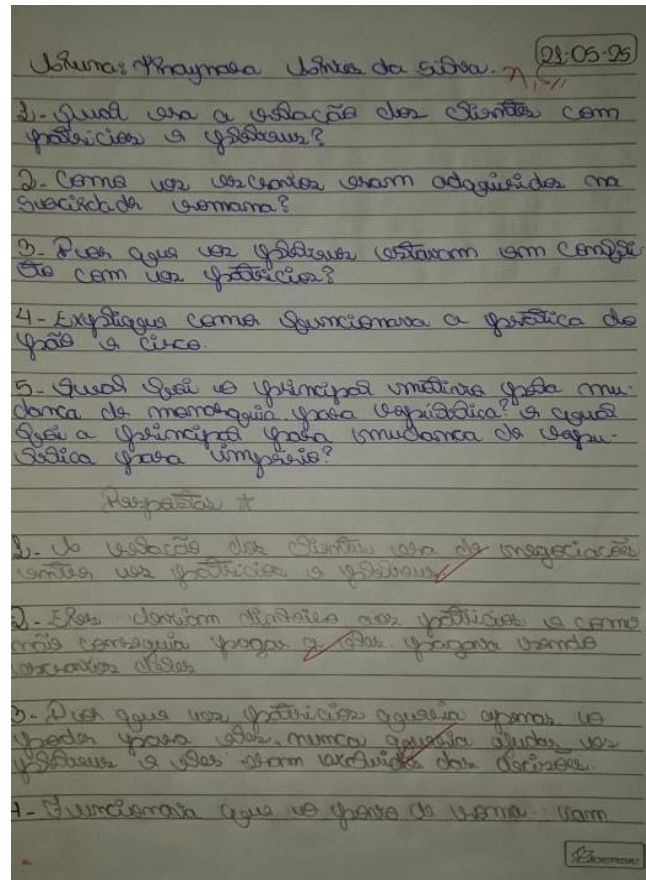
tempo e a necessidade de fazer uma atividade, fechei em 50 minutos o assunto deixando algumas questões em aberto, como a transição da Idade Antiga para a Idade Média.

Ao decorrer do último horário do dia, elaborei 5 questões sobre o tema da aula para não só fixação do assunto, mas também com a intenção de utilizar o resultado das questões para compreender se a minha oratória e escrita no quadro foram suficientes para os alunos compreenderem o tema. A atividade foi individual, porém permiti a utilização do conteúdo que os alunos anotaram no caderno, apesar de terem apenas 30 a 40 minutos para responder, todos os alunos entregaram suas atividades.

Durante a correção das atividades percebi uma certa recorrência, boa parte dos alunos não compreenderam muito bem quando comentei sobre a prática do “pão e circo”, prática esta que era utilizada para ludibriar as pessoas com espetáculos dentro do coliseu e fazer com que a população esquecesse problemas políticos, em minha explicação na sala de aula, utilizei de como os políticos em época de eleição tentavam arrumar as ruas ou oferecer dinheiro para a população, apesar de ser uma aproximação válida, talvez os alunos não conseguiram compreender que a prática do pão e circo não fosse algo literal, muitas respostas seguiram a metáfora como algo literal, talvez a forma como eu tenha me expressado ou palavras que utilizei tenham causado essa estranheza e dificuldade nos alunos de associar o pão e circo, politicagem e as práticas do coliseu.

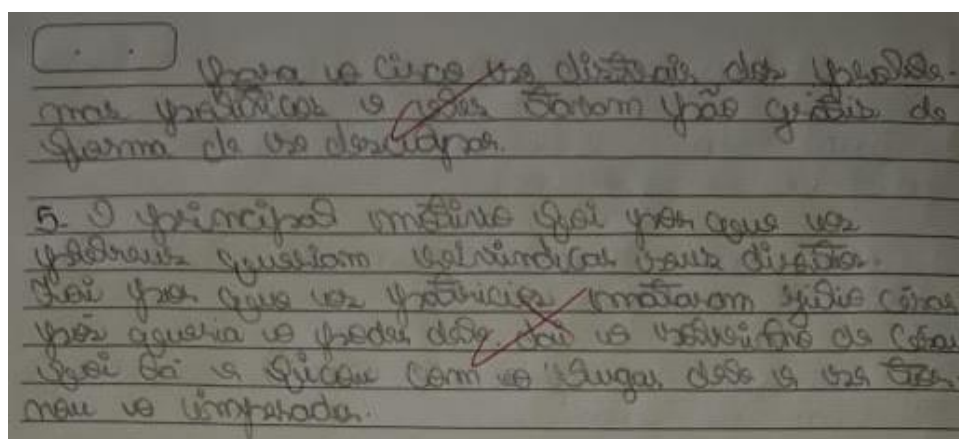
O meu erro na explicação da prática do "pão e circo", por exemplo não foi apenas uma falha didática, mas um ponto de partida para refletir sobre a forma que utilizo meu vocabulário, contexto em que estou inserido com meus alunos e a importância de planejar com base na compreensão do aluno uma pesquisa sobre mim mesmo em ação.

Figura 1: (Acervo Pessoal, 2025)



Observa-se na Figura 1 a correção feita por mim, pode ser visto a forma a qual os alunos do primeiro ano descrevem o que compreenderam e justificam suas respostas, além de se observar a questão do amadurecimento e do vocabulário que por ser de uma turma mais nova, que ainda está no primeiro ano, respeitando isso, corriji da forma mais adequada de acordo com o conhecimento dos alunos.

Figura 2: (Acervo pessoal, 2025)



Em continuação na outra lauda, observa-se a correção da atividade da aluna, em que a sua resposta, apesar de estar respondida diferente de boa parte da turma, ela utiliza de boa parte do que foi vocalizado por mim. Esta foi a única questão que vi boa parte dos alunos errarem, ou respondem da mesma forma que falei devido ao método que utilizei ser, talvez, confuso para eles ainda.

3.3 TURMA DO TERCEIRO ANO

Com a turma que ministrei aulas no terceiro ano, durante a minha chegada, todos pareciam bem me receber e boa parte dos alunos eram bem responsivos e gostavam de conversar com o professor, o que mostra certo amadurecimento em comparação com a turma de primeiro ano, um contraste interessante que foi notado é sobre como os alunos já do terceiro ano estavam bem firmes de suas escolhas para o futuro, como faculdade, emprego e a vida no geral, infelizmente foi a turma que menos tive interações fora das aulas e foram apenas 4 aulas registradas com eles devido ao tema da aula ser curto também.

Durante as perguntas para conhecer os alunos, indaguei eles sobre a presente lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025 que proíbe a utilização de celulares dentro da sala de aula, perguntei para os alunos como eles estavam lidando e como os professores estavam se comportando em relação ao celular na sala de aula, alguns alunos falaram que continuava normal, porém sem nenhum professor tomando o celular de alunos, no máximo pedindo para guardar ou não usar enquanto estiver dentro da sala de aula.

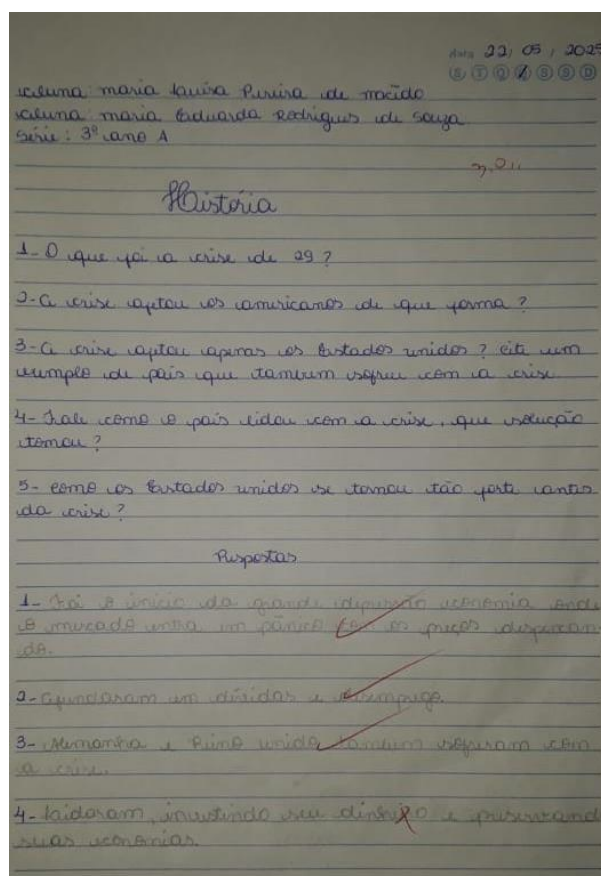
Após iniciar a aula, assim como foi realizado na primeira turma do 1º ano, percebi que a sala que o terceiro ano era fechada por cima, o que permitia a utilização de recursos elétricos como a TV que tinha dentro da sala de aula, porém como não estava ciente um pouco antes de preparar um plano de aula novo e materiais em slide para conseguir ministrar uma aula que tivesse mais representações visuais para os alunos, resolvi manter no esquema da turma de primeiro ano. Comecei a aula dando continuidade da aula anterior, que falava sobre a Primeira Guerra Mundial, puxei o gancho do assunto e falei sobre o tema Crise de 1929 abordei sobre como os Estados Unidos se fortaleceu e como sua economia quebrou, porém falar sobre economia e investimento para alunos que provavelmente não entendiam muito bem sobre estas questões foi difícil, tentei na medida do possível relacionar coisas do dia a dia dos alunos, como ilustrar uma situação no quadro sobre uma cabelereira que estava precisando de alguém para financiar seu negócio, tentei colocar alunos na historinha para que eles se conectassem com a

situação da história e fiz a explicação do tema da aula para que fosse possível na próxima semana conseguir concluir e passar a atividade para os alunos, como eu já estava acostumado com as aulas do dia anterior com a turma de primeiro ano, me mantive um pouco mais acomodado para brincar sobre o tema e tentar ao máximo puxar para a realidade dos alunos.

Ao terminar a primeira aula e sair da sala, junto com a professora supervisora, conversei com ela sobre o que eu tinha anteriormente comentado com os alunos dentro da sala de aula sobre os celulares, e ela deu seu ponto de vista como professora, em que ela discute a sobre a responsabilidade que cai sobre o docente de estar com um objeto que por ventura pode quebrar ou por algumas questões médicas o aluno pode em certo período precisando para entrar em contato com algum parente, considerando isso a professora discute que apesar da lei ser muito boa para um melhor aproveitamento das aulas sem se preocupar com reclamações de alunos utilizando celular deliberadamente na sala de aula, na prática ela cria uma responsabilidade para o professor sobre o que fazer com o celular tomado do aluno. Considerei e refleti bastante sobre o assunto, que apesar da lei ser recente e não ser possível no momento atual ter dados fortes sobre sua efetividade dentro da sala de aula devido ao tempo em vigor, nos mostra como o professor pode ser afetado caso algum problema possa decorrer desta questão da utilização do celular na sala de aula.

Durante o dia 22, que seria o segundo e último encontro com a turma do terceiro ano, resolvi utilizar o único televisor disponível das salas de aula no momento, durante a primeira aula com a turma, realizei um resumo geral do que foi discutido na aula anterior, porém com a utilização de imagens para ilustrar as aulas, e a utilização de uma cena de um filme chamado “O Lobo de Wallstreet” para ilustrar uma situação engraçada o tema da aula, com a adição dos slides senti que a turma se interessou mais pela discussão, a utilização de imagens ajuda a não deixar a aula tão maçante e ajuda a ilustrar o que será discutido durante a aula.

Durante o toque para o segundo horário, usei uma dinâmica um pouco diferente da turma do primeiro ano, a atividade seria em dupla, mas após ver que maioria já estavam com seus grupos formados percebi que tinham 3 alunos que estavam mais afastados da turma e realizaram atividade sozinhos, infelizmente no momento não tive a ideia de juntar os 3 alunos em um trio, para se ajudarem durante a atividade, para incluir eles um pouco mais, mas só pensei isto durante o fim da aula praticamente e não tive oportunidade de conversar com a professora sobre esse fato.



Durante a correção da atividade da turma do terceiro ano, como mostra na figura 3, reparei que havia uma padronização e uma organização do trabalho realizado pelas alunas, isso mostra um amadurecimento, e o costume de já se pré-dispor a colocar o cabeçalho, que não foi solicitado por mim, a turma já por padrão enviou por padrão, um pouco diferente da turma de primeiro ano, que ainda está no processo de organização de suas atividades. Em relação a atividade em si, sinto que mesmo utilizando de alguns termos técnicos, boa parte dos alunos e até mesmo os que faltaram na aula anterior, conseguiram responder boa parte das questões, o que mostra não só que o meu vocabulário não tenha sido um problema para os alunos, mas também mostra que eles compreenderam o assunto e tentaram relacionar aos pontos tanto da minha fala quanto das suas anotações no caderno.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a leitura dos textos e revisão prática do estágio, concluí que existem barreiras a serem quebrados sobre como abordar o estágio, por meio da compreensão da realidade em que a escola se encontra, fomentar análises com críticas honestas e construtivas sobre o estágio. Aprendi como lidar com o estresse de reinventar durante a aula a forma como abordar um tema

e colocar em prática formas de simplificar um tema para determinado tipo de turma com base em sua realidade e faixa etária. Os textos foram fundamentais para compreender o que seria um estágio no ponto de vista da universidade e do ponto de vista da escola, compreendendo as opiniões da professora e críticas construtivas quanto ao método técnico de se aplicar um estágio.

Pontos positivos que absorvi do estágio foram: contato com a realidade dos alunos de diferentes anos, feedbacks positivos da professora supervisora em relação ao meu estágio foram fundamentais para compreender como eu me comportava em sala de aula na visão de uma terceira pessoa, os textos Pimenta e Lima mais as complementações de Silva e Delgado trouxeram a possibilidade de um novo prisma a se pensar o estágio obrigatório de História.

Entre os desafios enfrentados, destaco o tempo que demorei para iniciar a regência apesar de um longo prazo, problemas pessoais foram um grande empecilho para o estágio, o que prejudica a possibilidade de uma interação mais íntima com os alunos.

Para concluir, o estágio em História é fundamental para compreender e quebrar esta barreira entre prática e teoria, muitos alunos, assim como eu, quebram suas expectativas quando passam a vivenciar a realidade das escolas, principalmente as públicas do Brasil, a leitura dos textos antes de ministrar as aulas, trouxeram um norte de como abordar não só as aulas do estágio, mas também as futuras aulas durante a prática profissional.

O estágio contribuiu para mim de forma a refletir e compreender a realidade de uma escola, com o contato com alunos e professores e me incentivar a ser mais aberto para conversar e interagir de forma variada e divertida com os alunos, sem precisar ser tão metódico durante minhas aulas, foi de extrema importância para mim me organizar e compreender como é a realidade de um professor, principalmente de escola pública que enfrentam diversos problemas durante os períodos letivos.

5. REFERÊNCIAS

- Utilizadas nas aulas

SANTANA FILGUEIRA, A. P. ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO: UM ESTUDO DO CORPO E DO ESPAÇO NA CIDADE ANTIGA. **Revista Alétheia**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 79–87, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6690>. Acesso em: 7 mai. 2025.

SCOPACASA, R.. REPENSANDO A ROMANIZAÇÃO: A EXPANSÃO ROMANA NA ITÁLIA A PARTIR DAS FONTES HISTORIOGRÁFICAS*. **Revista de História (São Paulo)**, n. 172, p. 113–161, jan. 2015.

CARTAXO, Ian. Breve balanço da História Econômica e Social da Roma Antiga no século XX: introdução às divergências historiográficas e à crítica marxista. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, [S. l.], v. 19, n. 37, p. 246–267, 2024. DOI: 10.30612/rehr.v19i37.16894. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/historiaemreflexao/article/view/16894>. Acesso em: 7 mai. 2025.

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VAINFAS, Ronaldo et. al. História 3: ensino médio. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

- Utilizadas neste relatório

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. ESTÁGIO E DOCÊNCIA: DIFERENTES CONCEPÇÕES. **Poíesis Pedagógica**, Catalão, v. 3, n. 3 e 4, p. 5–24, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v3i3e4.10542. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/poiesis/article/view/10542>. Acesso em: 30 maio. 2025.

SILVA, Eva Alves da; DELGADO, Omar Carrasco. O processo de ensino-aprendizagem e a prática docente: reflexões. *Revista Espaço Acadêmico*, 2018.

ANEXOS/APÊNDICES

Plano de Aula: Introdução à Roma Antiga: Formação e estrutura social

Objetivo Geral

Compreender o processo de formação de Roma Antiga, seus mitos fundadores e a organização da sociedade romana nas suas origens

Objetivos Específicos

- Apresentar o mito da fundação de Roma.
- Compreender a geografia e formação da cidade
- Identificar os grupos sociais de Roma
- Refletir sobre as desigualdades sociais desde a origem da cidade

Conteúdos

- 1 A formação de Roma
 - 1.1 Mito de Rômulo e Remo
 - 1.2 Influência dos etruscos e localização geográfica
 - 1.3 Fundação da cidade e expansão inicial
- 2 Estrutura social da Roma Antiga
 - 2.1 Patrícios e poder político
 - 2.2 Plebeus e a exclusão dos direitos
 - 2.3 Clientes e relações de dependência
 - 2.4 Escravos e a base do trabalho forçado

Duração

50 minutos

Metodologia

Aula expositiva dialogada, com perguntas e estímulo à participação.

Materiais

Quadro branco

Avaliação

Observação da participação nas discussões

Referencias

SANTANA FILGUEIRA, A. P. ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO: UM ESTUDO DO CORPO E DO ESPAÇO NA CIDADE ANTIGA. Revista Alétheia, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 79–87, 2015.

SCOPACASA, R.. REPENSANDO A ROMANIZAÇÃO: A EXPANSÃO ROMANA NA ITÁLIA A PARTIR DAS FONTES HISTORIOGRÁFICAS*. Revista de História (São Paulo), n. 172, p. 113–161, jan. 2015.

CARTAXO, Ian. Breve balanço da História Econômica e Social da Roma Antiga no século XX: introdução às divergências historiográficas e à crítica marxista. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 19, n. 37, p. 246–267, 2024. DOI: 10.30612/rehr.v19i37.16894.

Plano de Aula: Roma Antiga: Da monarquia até república

Objetivo Geral

Compreender os principais aspectos da Monarquia Romana e o processo de transição para a República, destacando a organização política, os mitos fundadores e as disputas sociais

Objetivos Específicos

- Conhecer a estrutura política e social da Monarquia Romana
- Compreender os motivos da queda da monarquia e o surgimento da República
- Relacionar os conflitos sociais da Roma Antiga com transformações políticas

Conteúdos

1 Organização política da Monarquia Romana

1.1 Explicação sobre o rei, o Senado e as assembleias

2 A crise da monarquia e o surgimento da República

2.1 Último rei etrusco e tensões políticas

2.2 Formação da República e exclusão dos plebeus

Duração

2 aulas de 50 minutos cada

Metodologia

Aula expositiva com uso do quadro branco.

Comparações com outras formas de governo conhecidas pelos alunos.

Debates rápidos sobre o poder concentrado e o papel da sociedade nas mudanças políticas.

Materiais

Quadro branco.

Avaliação

Observação da participação nas discussões.

Referencias

SANTANA FILGUEIRA, A. P. ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO: UM ESTUDO DO CORPO E DO ESPAÇO NA CIDADE ANTIGA. Revista Alétheia, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 79–87, 2015.

SCOPACASA, R.. REPENSANDO A ROMANIZAÇÃO: A EXPANSÃO ROMANA NA ITÁLIA A PARTIR DAS FONTES HISTORIOGRÁFICAS*. Revista de História (São Paulo), n. 172, p. 113–161, jan. 2015.

CARTAXO, Ian. Breve balanço da História Econômica e Social da Roma Antiga no século XX: introdução às divergências historiográficas e à crítica marxista. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 19, n. 37, p. 246–267, 2024. DOI: 10.30612/rehr.v19i37.16894.

Plano de Aula: Roma Antiga: Da república ao Império Romano**Objetivo Geral**

Compreender o processo de crise da República Romana e a formação do Império, destacando os principais fatores do período.

Objetivos Específicos

- Analisar os fatores que levaram à crise da República
- Identificar o papel de Júlio César e Otávio Augusto na transição para o Império
- Conhecer as principais características políticas do regime imperial
- Refletir sobre o uso da propaganda e do poder militar na manutenção do império

Conteúdos

- 1 Crise da República Romana
 - 1.1 Expansão territorial e desigualdades sociais
 - 1.2 Conflitos entre patrícios e plebeus
 - 1.3 Guerras civis e disputa pelo poder
- 2 Júlio César e o fim da República
 - 2.1 Conquistas militares e centralização de poder
 - 2.2 Ditadura e assassinato de César
 - 2.3 Reações da elite senatorial
- 3 Ascensão de Otávio e consolidação do Império
 - 3.1 Disputa com Marco Antônio
 - 3.2 Título de Augusto e reorganização do Estado
 - 3.3 Criação da imagem de paz e prosperidade (Pax Romana)
- 4 Características do Império Romano
 - 4.1 Centralização do poder na figura do imperador
 - 4.2 Controle militar e uso da propaganda
 - 4.3 Continuidade do Senado com poder limitado

Duração

50 minutos

Metodologia

Aula expositiva com comparações no quadro entre República e império
Apresentação das transformações políticas usando linguagem acessível aos alunos

Materiais

Quadro branco

Avaliação

Participação oral durante a exposição e debates

Referencias

SANTANA FILGUEIRA, A. P. ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO: UM ESTUDO DO CORPO E DO ESPAÇO NA CIDADE ANTIGA. Revista Alétheia, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 79–87, 2015.

SCOPACASA, R.. REPENSANDO A ROMANIZAÇÃO: A EXPANSÃO ROMANA NA ITÁLIA A PARTIR DAS FONTES HISTORIOGRÁFICAS*. Revista de História (São Paulo), n. 172, p. 113–161, jan. 2015.

CARTAXO, Ian. Breve balanço da História Econômica e Social da Roma Antiga no século XX: introdução às divergências historiográficas e à crítica marxista. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 19, n. 37, p. 246–267, 2024. DOI: 10.30612/rehr.v19i37.16894.

Plano de Aula: Roma Antiga: Revisão Geral e atividade**Objetivo Geral**

Revisar os principais conteúdos abordados sobre Roma Antiga, consolidando os conhecimentos sobre sua formação, organização social, estrutura política e transições históricas

Objetivos Específicos

- Retomar os períodos da história romana: Monarquia, República e Império
- Relembrar o mito da fundação da cidade de Roma
- Identificar os grupos sociais e as instituições políticas
- Compreender as mudanças de poder ao longo dos períodos
- Preparar os alunos para avaliação ou atividade de fixação

Conteúdos

- 1 Formação de Roma e Mito de Rômulo e Remo
- 2 Sociedade romana: patrícios, plebeus, clientes, escravos
- 3 Política na Monarquia, República e Império
- 4 Expansão territorial e cultura romana
- 5 Crise da República e ascensão do Império

Duração

2 aulas de 50 minutos cada

Metodologia

Revisão dos conteúdos principais no quadro
Correção e debate das respostas ao final da aula

Materiais

Quadro branco

Avaliação

Atividade com 5 questões sobre os assuntos das aulas anteriores.

Referencias

SANTANA FILGUEIRA, A. P. ROMA, A CAPITAL DO IMPÉRIO: UM ESTUDO DO CORPO E DO ESPAÇO NA CIDADE ANTIGA. Revista Alétheia, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 79–87, 2015.

SCOPACASA, R.. REPENSANDO A ROMANIZAÇÃO: A EXPANSÃO ROMANA NA ITÁLIA A PARTIR DAS FONTES HISTORIOGRÁFICAS*. Revista de História (São Paulo), n. 172, p. 113–161, jan. 2015.

CARTAXO, Ian. Breve balanço da História Econômica e Social da Roma Antiga no século XX: introdução às divergências historiográficas e à crítica marxista. Revista Eletrônica História em Reflexão, [S. l.], v. 19, n. 37, p. 246–267, 2024. DOI: 10.30612/rehr.v19i37.16894.

Plano de Aula: A Crise de 1929**Objetivo Geral**

Compreender as causas e as consequências da Crise de 1929, relacionando seus impactos no tanto no país quanto no mundo.

Objetivos Específicos

- Analisar o contexto econômico dos Estados Unidos após a primeira guerra mundial.
- Entender os fatores que levaram ao crash da bolsa de valores de Nova York.
- Identificar os efeitos globais da crise e seu impacto na economia brasileira.

Conteúdos

1. Crescimento econômico dos EUA no pós-guerra
 - 1.1 Lucros da guerra e o American Way of Life
 - 1.2 Especulação financeira e fragilidade do sistema bancário
2. A Quebra da Bolsa em 1929
 - 2.1 A superprodução industrial e agrícola
 - 2.2 A crise financeira e seu impacto imediato nos EUA
3. A propagação da crise pelo mundo
 - 3.1 Consequências econômicas na Europa e América Latina

Duração

2 aulas de 40 minutos cada

Metodologia

Aula expositiva e dialogada com os alunos.

Questionamentos ao longo da aula para estimular a participação dos alunos.

Materiais

Quadro branco

Avaliação

Avaliação contínua dos alunos com os assuntos apresentados em aula.

Referências

HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

VAINFAS, Ronaldo et. al. História 3: ensino médio. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2016.

Plano de Aula: Resumo e continuação da crise de 1929

Objetivo Geral

Compreender as causas e as consequências da Crise de 1929, relacionando seus impactos no tanto no país quanto no mundo, e sua influência no surgimento de regimes totalitários.

Objetivos Específicos

- Analisar o contexto econômico dos Estados Unidos após a primeira guerra mundial.
- Entender os fatores que levaram ao crash da bolsa de valores de Nova York.
- Identificar os efeitos globais da crise e seu impacto na economia brasileira.
- Compreender as propostas do New Deal.
- Relacionar a crise ao fortalecimento de regimes totalitários na década de 1930.

Conteúdos

1. Crescimento econômico dos EUA no pós-guerra
 - 1.1 Lucros da guerra e o American Way of Life
 - 1.2 Especulação financeira e fragilidade do sistema bancário
2. A Quebra da Bolsa em 1929
 - 2.1 A superprodução industrial e agrícola
 - 2.2 A crise financeira e seu impacto imediato nos EUA
3. A propagação da crise pelo mundo
 - 3.1 Consequências econômicas na Europa e América Latina
 - 3.2 Efeitos da crise no Brasil e a crise do café

4. O New Deal de Franklin D. Roosevelt

4.1 Medidas econômicas, sociais e de infraestrutura

4.2 Reformas e fortalecimento do papel do Estado

5. O avanço dos regimes totalitários

5.1 Crise econômica e instabilidade política

5.2 Fortalecimento do nazismo, fascismo e stalinismo

Duração

2 aulas de 50 minutos cada

Metodologia

Aula expositiva e dialogada com o uso de imagens ilustrativas pelo slide.

Questionamentos ao longo da aula para estimular a participação dos alunos.

Materiais

Quadro branco

Slide

Avaliação

Avaliação Prática com 5 questões para os alunos responderem relacionado ao tema.

Referências

HOBBSBAWM, Eric. Era dos Extremos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

VAINFAS, Ronaldo et. al. História 3: ensino médio. 3 ed. São Paulo: Moderna, 2016.